

## O Candomblé e a cultura afrobrasileira

*Neide dos Santos Rodrigues*

Pós-graduada em História (UNICENTRO)

**Resumo:** Este artigo discute elementos da cultura negra para a formação da sociedade brasileira. A partir de informações históricas, observa-se como as tradições africanas, em sincretismo com o catolicismo, ajustaram o culto católico dos santos ao culto dos panteões africanos, dando origem ao candomblé. O candomblé, uma religião formada na Bahia no século XIX pelos lorubas, ainda preserva a memória de seus ancestrais em seus rituais, entretanto perde elementos do passado e incorpora elementos novos.

**Palavras-chaves:** Cultura negra; Candomblé; Afrobrasileiros.

**Abstract:** This article discusses the elements of black culture in the formation of the Brazilian society. Departing from historical information, it is observed how African traditions, in syncretism with Catholicism, have adjusted the Catholic cult of saints to the cult of the African pantheon which has originated candomblé. Candomblé, a religion formed in the state of Bahia during the 19th century by the Yoruba nation, still preserves the memory of their ancestors in its rituals – however, it loses elements from the past and incorporates new elements.

**Keywords:** ; Black culture; Candomble; Afro-Brazilians.

**Resúmen:** Se discute los elementos de la cultura negra en la formación de la sociedad brasileña. A partir de informaciones históricas, se observa como las tradiciones africanas y el catolicismo adaptaron el culto católico de santos a los cultos de los cementérios africanos, dande nació el Candomblé. El Candomblé és una religión formada en Bahia en el siglo XIX por los lorubás, aun preserva la memória de sus ancestrales em sus rituales, en tanto pierde elementos del pasado incorporando elementos nuevos.

**Palabras-clave:** Cultura negra; Candomble; Afro-brasileños.

As novas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana reafirmam, a importância de se conhecer quão complexo é o processo de construção da identidade negra em nosso País. Esse processo é marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana, como dos aspectos físicos legados pelos afrodescendentes.

Para o comunicólogo Muniz Sodré, cultura é: “a metáfora do movimento do sentido, não entendido como uma verdade mística do além ou oculta em profundidades a serem sondadas, mas como busca de relacionamento com o real, lugar de extermínio do princípio da identidade”.<sup>1</sup>

Cultura é um conceito muito utilizado para compreender os fenômenos sociais, em especial aqueles relacionados às singularidades dos povos e às relações entre eles, como também, é usado para entender, tanto as mudanças conjunturais no seio desses povos, quanto para entender as transformações estruturais no interior do qual estão localizados.<sup>2</sup>

Apesar de toda informação à nossa disposição atualmente, ainda é possível perceber muitas contradições no que se refere à cultura afro-brasileira, devido ao desconhecimento da mesma, embora a contribuição dos negros na formação do povo brasileiro tenha sido primordial, ela não é reconhecida, por ignorância pela maioria. “Ao falarmos em cultura negra, então, não podemos nos furtar aos signos produzidos historicamente pelos afrodescendentes, muito menos desconsiderar o contexto em que surgiram seus múltiplos significados”.<sup>3</sup> Nosso objetivo no presente artigo, é evidenciar a riqueza cultural e religiosa dos africanos e seus descendentes no Brasil através do candomblé.

Temos dois aspectos da História da África que devem ser levados em conta, quando se pensa na cultura africana: o engano de que os negros trazidos escravizados para o Brasil eram todos iguais, mas também que os negros africanos de diferentes etnias, não tinham nada em comum.

Sobre isso nos esclarece Alberto Costa e Silva, que desde o início de 1600, podia-se afirmar com certeza, que Luanda era o mais importante porto atlântico de embarque de escravos, pois a cidade vivia do escravo, cuja prosperidade estava baseada na expansão da demanda de mão-de-obra forçada no Brasil e no resto das Américas. O escravo era o artigo de exportação por

<sup>1</sup> Muniz Sodré, *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil* (Rio de Janeiro: DP&, 2005), 53.

<sup>2</sup> Eduardo Oliveira, *Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente* (Fortaleza: Ibeca, 2003), 78. No Dicionário de Sociologia, Johnson define cultura como o conjunto acumulado de símbolos, ideias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família e é conceito fundamental na definição da perspectiva sociológica.

<sup>3</sup> Oliveira, 78.

excelência, sendo a mola propulsora da economia. Isso não apenas em Luanda e nos presídios lusitanos, como também, nos reinos negros, buscavam-se escravos. Portanto, ao passar o ano de 1600, o negro foi se tornando no sul da Europa e em grande parte das Américas, o escravo por excelência, sendo “considerado uma espécie humana distinta, inferior à branca e predestinada a servi-la”.<sup>4</sup>

Um gigantesco mercado de escravo surge num curto espaço de tempo, na chamada África Atlântica, uma área produtora de ouro, compreendida entre a Alta Guiné (Senegâmbia) e Angola,. Entre os séculos XVI e XIX, um total de 11 milhões de africanos foi enviado para as Américas. John Thornton, reconhece no que diz respeito à África Atlântica, a existência de 152 unidades políticas independentes, sendo que, cada uma delas originava uma designação étnica específica. Eles não se nomeavam como “africanos”, mas sim como: jalofos, fulas, falupos, limbas, malis, acanes, savés, kanos, lubas e dezenas de outros termos, sendo que, a maioria dos nossos ancestrais africanos, veio da chamada África Ocidental e Centro-Ocidental – aqui conhecida como África Atlântica – hoje a região que vai do Senegal a Angola.<sup>5</sup>

Na África Atlântica, frequentemente, os escravos eram prisioneiros de guerras entre estados e reinos rivais, cuja escravidão era doméstica, ou seja, “de linhagem” ou “de parentesco”, o que resulta reconhecer que o trabalho cativo, nessa região só se tornou comercial após a chegada de colonos europeus.

Entendemos que para compreender a cultura africana, é preciso se reportar para a Costa Ocidental da África de onde vieram 30% dos africanos do Brasil, cujo contingente maior era formado, além dos iorubás-nagôs, também pelos bantos e jêjes, como também, fazer uma releitura dos elementos que compõe a cultura negra no Brasil, com seus valores e fundamentos de uma cultura milenar, que se preocupa com a realização e felicidade das pessoas.

Esses povos não conheceram escravos como aqui no Ocidente, já que, para eles, devia-se obediência apenas politicamente, ou seja, os cativos mantinham sua própria cultura, língua, rituais, modo de produção.

Na formação e constituição da paisagem cultural brasileira, podemos notar diferentes processos constitutivos provenientes dos cruzamentos de diversas culturas e sistemas simbólicos africanos, europeus e indígenas. Por isso, a formação social brasileira “muito mais complexa como população surgida da fusão racial de brancos, índios e negros”,<sup>6</sup> apresentava uma forma peculiar

<sup>4</sup> Alberto da Costa e Silva, *A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000), 849-850.

<sup>5</sup> John Thornton, *A África e os africanos na formação do mundo atlântico. 1400-1680* (Rio de Janeiro, Elsevier, 2004).

<sup>6</sup> Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro* (São Paulo, Companhia das Letras, 2006).

de existência: a organização familiar e a estrutura de poder, que não eram oriundas de uma velha tradição, mas resultantes de opções exercidas por seus grupos. Dentro desse contexto, a cultura negra trouxe ao Brasil, dispositivos culturais pertencentes a várias nações ou etnias da África e que tal cultura já conhecia mudanças no próprio continente africano devido às organizações territoriais e as transformações civilizatórias.

A singularidade cultural brasileira – seu ativo pluriculturalismo, advém de como as comunidades litúrgicas negras trabalhavam de forma a aproximar as diferenças, trazendo para o Brasil, valores e princípios negros africanos. Marcada pela cultura oral, a sociedade africana criou seus inúmeros mitos para preservar e transmitir seu conhecimento ancestral. Hoje, a cultura ocidental valoriza muito o relacionamento com o real, com a manutenção do poder, porque nada é deixado ao acaso, tudo se explica, tudo se diz, porque tudo se transforma em mercadoria. Essa armadilha cultural nos tem privado de reconhecer nossa própria história, não valorizando os modelos sócioeconômicos e político-culturais produzidos pela complexa tradição africana.

Mas, foi no campo ideológico cristão do colonizador, que os africanos fixaram as organizações hierárquicas, a forma religiosa, as concepções estéticas, as relações míticas, a música, os costumes e os ritos, características dos diversos grupos negros. Mesmo com toda a opressão, ainda conseguiram reimplantar os elementos básicos de sua organização simbólica de origem, desenvolvendo formas paralelas de organização social. Por exemplo, caixas de poupança para a compra de alforrias de escravos urbanos, conselhos deliberativos próprios, elaboração de uma síntese representativa do vasto panteão de deuses ou entidades cósmicas africanas (no mínimo 16 orixás) cultuadas, ao contrário da África onde cada cidade-estado cultuava apenas uma divindade, assim como, a preservação do culto aos ancestrais e a continuidade dos modos originais de relacionamento e parentesco, como também a manutenção do ioruba como língua ritualística.

A forma mítica era essencial ao impulso nagô (negros da Nigéria) para a preservação dos dispositivos culturais de origem. Através dos rituais religiosos instalaram-se os terreiros (barracão onde acontecem festas públicas religiosas) que representavam persistência e reposição na história, além da resistência à ideologia dominante. As práticas do terreiro ultrapassar am limites espaciais, ocupando lugares imprevistos no enredamento das relações sociais do cotidiano brasileiro, tendo no candomblé, uma comunhão de etnias, nações, línguas, culturas, ideologias e divindades. É uma síntese re elaborada pelos afro-brasileiros das sociedades negro-africanas.

No Brasil existem duas importantes religiões afro-brasileiras: a umbanda e o candomblé, ambas com muitas vertentes e formas de manifestação. Essas formas de religião influenciaram profundamente os costumes da população

presentes na língua, na música e nos costumes. Não há o que discutir: é uma herança que condiciona, o ser brasileiro.

O candomblé, protagonizado por mulheres contra a ordem patriarcal, por negros contra a hegemonia branca, e por pobres (já que a maioria dos afrodescendentes pertence ao substrato social menos favorecido da sociedade), contrariando a elite nacional, pode ser tomado como um modelo onde os aspectos civilizatórios africanos foram reinterpretados na lógica da cultura negra, apresentando-se muito além de um mero exemplo cultural para se tornar um modelo ético-político.

Então, podemos dizer que o candomblé é uma religião brasileira, com heranças africanas, pois nela se torna visível à justaposição de duas cosmologias e de dois códigos religiosos inconfundíveis, o nagô (africano – ioruba) e o católico (cristão – ocidental). Nos territórios do sagrado incluídos no candomblé, África e Europa se interlaçam mas não se fundem ou se perde uma na outra, ou seja, é uma religião sincrética.

Ferretti nos diz que “todas as religiões são sincréticas”, e que isso acontece não só na religião, mas em outros aspectos da cultura. Porém, em nossa sociedade o sincretismo é uma categoria discutida no que se refere às religiões afro-brasileiras. Ele enumera vários sentidos usados por vários autores em relação ao termo sincretismo, dentre os quais destacamos: fusão de crenças, justaposição de exterioridades de ideias, associação, equivalência de divindades, ilusão de catequese, adaptação, reinterpretação, pureza africana, manifestações de contra cultura (em oposição à idéia de pureza africana), como também outros autores afirmam que não existe fusão e que o conceito de pureza, mistura ou sincretismo, são construções fundamentalmente sociais e ainda outros que acham que todos esses conceitos não são suficientes para explicar a associação entre santos e orixás, afirmando que esses conceitos são ideológicos.<sup>7</sup>

Pensar a cultura negra é pensar a reterritorialização dos negros no Brasil. O território afro-brasileiro não é o espaço físico africano, mas a forma como os negros brasileiros singularizam o território nacional. O espaço físico reterritorializado é um espaço simbólico-cultural. Este território, singularizado pela cultura negra, por seu real vivido, por sua filosofia imanente, por sua dinâmica civilizatória, marcou definitivamente a formação social brasileira.<sup>8</sup>

No Brasil as mudanças são muito radicais, pois desde o início, os senhores procuravam reunir escravos de diferentes etnias, estimulavam as rivalidades étnicas e faziam o possível para que os escravos não constituíssem família. As brincadeiras negras como folguedos, danças e batuques eram permitidos e até

<sup>7</sup> Sérgio Ferretti, “Notas sobre o sincretismo religioso no Brasil-modelos, limitações, possibilidades” in *Tempo* 6(11), junho de 2001.

<sup>8</sup> Oliveira, 83.

incentivados por funcionarem como uma válvula de escape e evidenciarem as diferenças entre as diversas nações. No entanto, aquilo que era permitido e considerado inofensivo pelos brancos, os negros, na clandestinidade, reviviam os ritos e cultos aos seus deuses e praticavam, assim, uma fértil vida comunitária.

Essas atividades constituíam, em si, uma forma de resistência cultural, ideológica e religiosa. No século XIX, os negros deixavam a clandestinidade que se refere a sua herança cultural devido aos seguintes fatores históricos: abolição do tráfico de escravos, mudança de Brasil colônia para Brasil independente, inviabilização das revoltas negras ante aos crescentes dispositivos de segurança postos em prática, contradições entre as diferentes posições de classe e de cultura assumida pelos negros no Brasil.

O aparecimento do terreiro como saída da clandestinidade coincide com a cultura ocidental importada (reformas do ensino, arquitetura, concepções científicas, artísticas, regras de etiqueta, boas maneiras, etc.). Inicia-se então a perseguição ao batuque dos negros, ao candomblé, sendo este perseguido e proibido pelo Estado, como também a crise nas confrarias religiosas negras, as quais tiveram papel relevante de mediação ideológica durante a escravatura.

Apesar de todos os reveses, o candomblé, sob a máscara dos rituais católicos, continuou seu culto e firmou-se no Brasil, não sendo uma religião africana, mas uma religião brasileira de matriz africana. Para compreendê-la temos que sair do foco de um olhar folclórico e voltar para uma perspectiva histórico-compreensiva, interpretando seus significados e sentidos, pois nela a vida é ritualizada, cotidianamente.

No candomblé, se torna visível à justaposição de duas cosmologias e de dois códigos religiosos inconfundíveis, o nagô (africano-ioruba) e o católico (cristão-ocidental). Nos territórios do sagrado incluídos no candomblé, África e Europa se interlaçam, mas não se fundem ou se perdem uma na outra. Por exemplo, a homenagem a Iemanjá, “rainha do mar” na tradição afro-brasileira, tornou-se uma grande festa popular, na noite de ano-novo, e como na África, todos usam roupas brancas; também jogamos bebida na terra, a dose do santo, lembranças do vinho de palma dadas aos ancestrais na África; fazemos uso de todo tipo de plantas contra o “mau olhado”.

O candomblé pode ser entendido, através do estudo de seus signos, forma e consumo de bens materiais e simbólicos, como um complexo cultural formado por um conjunto de valores que, inseridos num novo contexto, são reelaborados, originando formas simbólicas próprias, pelas quais seus seguidores desenvolvem e transmitem seus saberes e suas atitudes em relação à vida.

Evidencia-se então, a diferença cultural dos terreiros e a cultura ocidental?: na cultura negra a troca é determinada pela acumulação de valor, mas sempre simbólica e reversível tendo como regra básica que o ato de dar implica no ato de receber e essa troca envolve todos os seres vivos ou mortos, que participam

ativamente como parceiros legítimos da troca nos ciclos vitais. Ao passo que, na cultura ocidental, trocam-se bens pela moeda, signos pelo sentido, onde moeda e sentido representam valor e acumulação econômica.

Nas religiões de matriz africana, os terreiros religiosos, agregam a família negra, multiplicando-se em várias famílias, pais e mães-de-santo, filhos e filhas em lugares diversos, sendo que nele acontece o processo de iniciação e os princípios que o regem. Também, a ancestralidade é um meio de garantir o acesso controlado ao segredo do culto. Esse segredo é utilizado como arma na tradição dos orixás, (deuses do panteão africano), pois quem detém o conhecimento, detém o poder.

Para a cultura negra, morte e vida não se desvinculam, o ancestral morto está sempre presente sendo um aliado do grupo. Na cultura ocidental, a morte é sinal de passagem para outra vida, sendo uma desconectada da outra. Através do sistema mítico do candomblé, não fragmentado, não excludente, se compreende a existência como um todo, em que a lógica cultural africana concebe o tempo como experiência, diferentemente do pensamento ocidental.

Os rituais nagôs foram reelaborados aqui no Brasil, pois se tratava da cultura de um povo dominado e exilado, como forma de resistência à ideologia europeia, preservando a identidade étnica e mantendo inalteradas as formas essenciais das diferenças simbólicas, ou seja, o conteúdo é católico, ocidental, religioso, mas a forma litúrgica é negra, africana, mítica.

No Brasil houve a disputa de relações simbólicas pelos negros que vão reconstituir o território africano através de uma forma cultural, da linhagem e do parentesco, (pois lhes impuseram um regime de dominação que violentou a base social africana: a família), reconstituindo nesse micro-espço (o terreiro), o macrocosmo africano.

O terreiro representa a forma social, política, cultural e religiosa dos negros, pois além de diversidade, é um espaço originário de força e potência social. A ressignificação dos signos africanos em território brasileiro não desvincula religião, política e economia, pois seu sistema cultural é inteiramente baseado na prática e na experiência, não no conceito; no corpo e não na mente. “A religiosidade negra é rica e variada. No Brasil, nossos ancestrais africanos enriqueceram a nossa cultura com diferentes expressões e formas de se relacionar com o mundo sobrenatural”.<sup>9</sup>

Afinal, para entender os africanos e descendentes, devemos procurar as ações e valores que estão no panteão iorubano, cuja síntese é a ética, em sua base, e a prática ritual, que é uma tradição de ancestralidade (a memória que constitui o eu no mundo), reinterpretada na lógica da cultura negra, pois nosso

<sup>9</sup> Kabengele Munanga, org., *Superando o racismo na escola* (Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005), 139.

objetivo é mudar a maneira de se compreender as religiões de matriz africana: de uma perspectiva exótica-folclorizadora para uma perspectiva histórico-compreensiva, ou seja, interpretar os seus significados mais profundos.

Se compreendermos “o significado e a abrangência da cultura de tradição africana na construção e na constituição da nossa sociedade”<sup>10</sup> entenderemos “a beleza, a sensibilidade e a radicalidade da cultura de tradição africana, impregnada de norte a sul deste país e não somente no segmento negro da população, é um aprendizado a ser incorporado” por todos.

Socialmente, há alguma coisa que, no limite, pode ser denominado de um “estereótipo” atribuído aos candomblecistas e aos umbandistas. Trata-se da constituição de elementos que vão desde a atribuição de um caráter racial permeado nesse estilo de vida (“coisa de negros”), de classe (“cultura da pobreza”) ou, até moral (pessoas feiticeiras, malévolas, orgulhosas, perigosas, oportunistas, envolventes, ativas). Essa imagem negativa do candomblé é estimulada ainda pelas representações que dele são feitas por outras religiões, calcadas em fatos dispersos, muito mais pela imagem que se faz do adepto do candomblé, do que por atitudes que na verdade tenha tomado.<sup>11</sup>

Por último salientamos as possíveis causas da “demonização” dos rituais africanos pela sociedade branca em geral. Temos refletido que esse processo se deve, entre outras causas culturais e imagéticas, ao desconhecimento generalizado de significados próprios dos ritos africanos. Por exemplo, na língua banto, “cumba” quer dizer negro e “ma” é o que indica o plural nessa mesma língua. Portanto quando se quer referir a um agrupamento de pessoas negras utiliza-se o termo macumba, como também é o nome de uma das religiões brasileiras de matriz africana. “Sarava”, em banto significa “Deus esteja com você”. Entretanto, utilizando-se essas mesmas denominações, a sociedade branca colonizadora passou a referir-se a “macumba” e a “sarava” como termos depreciativos e sinônimos de rituais satânicos, como temos visto cotidianamente.

<sup>10</sup> Eliane Cavalheiro, org., *Racismo e anti-racismo na educação. repensando a escola* (São Paulo: Selo Negro, 2001), 95.

<sup>11</sup> Rita Amaral, *XIRÉ! O modo de crer e de viver no candomblé* (Rio de Janeiro: Pallas/São Paulo: EDUC, 2002).